

## O SESQUICENTENÁRIO DA REVOLUÇÃO FARROUPILHA PELO OLHAR DO JORNAL ZERO HORA

GLAUCE STUMPF<sup>1</sup>

Historicamente, compreendemos a importância da Revolução Farroupilha para o contexto regional e nacional, mas entendemos, também, que a projeção para a construção de uma memória sobre a farroupilha está longe do que as pesquisas acadêmicas recentes apontam. Percebendo essa lacuna, entre a história vivida e aquela projetada, tentamos identificar como uma área da sociedade gaúcha buscou construir e consolidar essa memória trazendo os resultados de uma pesquisa realizada para a monografia do curso de Especialização em História do Rio Grande do Sul no ano de 2012.

Para tanto, nos propomos entender a comemoração do Sesquicentenário da Revolução Farroupilha pelo olhar do jornal Zero Hora. Nosso objetivo foi analisar, durante o ano de 1985, as matérias jornalísticas publicadas no referido jornal que retratavam a comemoração do Sesquicentenário da Revolução Farroupilha, buscando entender quais foram os assuntos abordados, quais os que tiveram mais destaque, as relações que o jornal fez com outros assuntos contemporâneos ao ano de 1985, entre outros que pudessem surgir.

O Sesquicentenário foi uma comemoração proposta pelo Governo Estadual do Rio Grande do Sul onde, durante um ano, diversas atividades foram realizadas com o objetivo de reavivar o evento. Para que isso fosse realizado o Governo Estadual dividiu as festividades em subcomissões, cada uma trabalhando com áreas diferentes – como esporte e educação. Para entendermos a proporção dessa comemoração, o governo do Estado teve sua sede alterada por alguns dias, sendo realocada para as capitais farroupilhas (Piratini, Caçapava e Alegrete).

O fato histórico, a Revolução Farroupilha, aconteceu entre 1835 a 1845<sup>2</sup>, mas, analisaremos o jornal em 1985, 150 anos depois. Ou seja, queremos entender como essa

---

<sup>1</sup> Graduada em Licenciatura em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS); Especialista em História do Rio Grande do Sul pela UNISINOS e Mestranda em História pela UNISINOS.

<sup>2</sup> A Revolução Farroupilha durou quase 10 anos onde houve diversas batalhas e conflitos entre ambos os lados (farroupilhas e imperiais). Nem todos os 14 municípios da então Província de São Pedro aderiram à causa farroupilha. De acordo com Padoim (2001: 76-77) “a Revolução Farroupilha surgiu como fruto dos interesses econômicos e políticos pertencentes à elite da campanha riograndense e a outros setores sociais que, por vínculos e crenças políticas, se uniram em um projeto político que teve no federalismo sua bandeira”. Para Maestri (2010) e Flores (1985) os motivos para a eclosão da guerra foram, principalmente, dois: 1) a falta de autonomia provincial, intensificada pela regência, com a nomeação de presidentes pela própria corte; 2) acusação do então presidente provincial, Fernandes Braga, para com os farroupilhas de separatistas. A guerra que iniciara por

comemoração anual pode contribuir para a solidificação da memória do gaúcho e de que maneira este objeto, cerne do debate político e social do Estado, esteve representado em um periódico.

A base de uma comemoração está na repetição. Celebrar um fato histórico anualmente, ou com uma certa continuidade, denota a busca por uma inserção do mesmo na memória coletiva da sociedade. Usando aqui a comemoração com a mesma definição que Ouzof (1988) traz para festa, perceberemos que essa comemoração possibilita a maleabilidade do fato histórico, de certa maneira uma inconstância em relação ao fato propriamente dito, uma vez que a festa trabalha muito mais com uma representação dele, tornando-o presente e fazendo crer que é passível de mudanças. A repetição é fundamental na festa, possibilitando a ilusão, o engano, o desvio, e, acima de tudo, a manipulação por meio de uma crença no reinício e na esperança. O que nos leva a pensar que a comemoração fala muito mais do tempo presente do que do tempo evocado. Do fato histórico teremos apenas fragmentos, representações (no sentido usado por Chartier, 1990) construídas. Os festivos tem uma similaridade, uma essência imutável. Esse rigor é esperado também pela sociedade.

Sendo assim, para que entendamos as representações construídas pelo jornal necessitamos compreender a época em que foram realizadas as publicações, ou seja, a década de 1980. Essa década foi marcada pela transição à democracia no Brasil, sendo longa e passando por várias etapas. De maneira geral, considera-se que ocorreu entre os anos de 1974 a 1985, período que corresponde aos últimos governos militares, presididos pelos generais Ernesto Geisel e João Baptista Figueiredo. O objetivo desse último governo foi dar “a continuidade e a conclusão do processo de redemocratização, encerrando o ciclo militar” (VIZENTINI, 2005: 62).

No Estado Jair Soares comandava o governo. Havia sido eleito com apenas 34,1% dos votos. Conforme Maestri (2010:394) “o governo de Jair Soares constituiu verdadeiro fim-de-festa do regime ditatorial (...) fora sempre um político das classes dominantes”. Maestri mostra ainda que no governo de Jair Soares, – candidato da ditadura militar pelo PDS (partido que sucedeu a Arena) – “no contexto da forte depressão da economia nacional e regional, o

---

motivos da elite, fora finalizada por ela. De acordo com Padoin (2001) os farroupilhas, enquanto grupo majoritário, possuíam como objetivo construir um Estado federalista e, mais, queriam que fosse independente. Ou seja, a República construída por eles não foi de maneira alguma um arroubo momentâneo do Comandante Netto.

Rio Grande endividou-se fortemente, crescendo a dívida pública regional em quase 40%” (2010:394).

## UMA ARMAÇÃO PARA AS LENTES: O JORNAL ZERO HORA

Para trabalhar com o jornal como fonte precisamos compreender a importância da imprensa escrita na sociedade atual. Beltrão (1976) alerta que “o jornalismo contemporâneo, como as demais atividades industrializadas, está organizado em grandes empresas [...]” (1976, p. 31). Sendo assim, os jornais estão vinculados a empresas capitalistas que possuem objetivos próprios, não se detendo na realização de ações que promovam o bem comum. Corroborando com Beltrão (1976), Capelato (1988, p. 15) percebe a grande imprensa como possuidora de interesses que vão muito além de informar seus leitores. Uma vez que possui interesses políticos e, por ser uma empresa, também visa o lucro. Para alcançá-lo, cada jornal identifica o seu público para que possa atraí-lo ao seu produto e faz investimentos que possibilitem melhorar sua qualidade e aumentar a venda de exemplares. Além disso, constitui uma rede especializada em informação, com profissionais preparados e um aparato tecnológico muito desenvolvido.

Com o jornal ZH não foi diferente. Sua trajetória foi consolidada por meio de um grande investimento durante mais de 40 anos. Teve origem no jornal *Última Hora*, fechado pela censura em 1964. Em 4 de maio de 1964, os novos administradores modificaram a linha editorial e o nome do periódico para *Zero Hora*. Sua trajetória é marcada por um alinhamento com a política no poder, principalmente pelo fato de que a sua criação coincidiu com a instalação da ditadura militar no Brasil, que intensificou a repressão à imprensa.

A Empresa jornalística Sul-Riograndense S.A (dona do jornal Zero Hora), em 1965, adquiriu a TV Gaúcha e, em 1967, associou-se à Rede Globo. Na década de 1980 – que é a de nosso interesse –, o jornal Zero Hora investiu altamente em tecnologia e qualidade, enquanto que o Correio do Povo, até então líder no estado, mudou de proprietário e “perdeu a identidade” (BERGER, 2003: 56). Tanto que, no ano de 1985, o jornal Correio do Povo não foi publicado.

O jornal Zero Hora é hoje o mais lido no Rio Grande do Sul<sup>3</sup>. Possui um público abrangente, sendo assim a linguagem utilizada precisa ser simples, sem grandes complexidades, impossibilitando o jornal de criar uma identidade e, paralelamente, de investir em determinados assuntos. Há a necessidade de variedade de temas abordados e, por isso, mais ainda, a superficialidade é uma característica do periódico. Ele “dedica aproximadamente 1/3 de seu espaço à cobertura de eventos esportivos” (ABREU, 2001: 3591). Na coleta das matérias para a realização desse trabalho, foi possível perceber o dado, uma vez que é, praticamente, diária a publicação de capa de assuntos voltados ao esporte, principalmente futebol – sobre a dupla Grenal (Grêmio e Inter – maiores times do Estado).

#### A COMEMORAÇÃO NO JORNAL ZH

O jornal Zero Hora engajou-se na comemoração dos 150 anos da Revolução Farroupilha, ao longo do ano de 1985, publicando uma série de eventos relacionados com o Sesquicentenário Farroupilha, bem como vinculando o seu então projeto “Pro-Memória Gaúcha<sup>4</sup>” exclusivamente para este evento, tornando-o “Pró-Memória Farroupilha”, nos meses de março a setembro. Durante o decurso do ano foram realizados alguns concursos, apoiados pelo jornal, como “Hino do Sesquicentenário”, entre janeiro e fevereiro.

Durante o mês de janeiro o jornal trouxe matérias jornalísticas e propagandas<sup>5</sup> que, de certa maneira, abriram o ano comemorativo<sup>6</sup> do Sesquicentenário da Revolução Farroupilha. A abertura da comemoração pelo jornal foi carregada de palavras/expressões que exaltavam o

---

<sup>3</sup> Para Berger, “a pesquisa que o põe em primeiro lugar apenas comprova a supremacia, mas não a preferência. Pois não há preferência quando não há opção” (2003: 59). Sobre essa supremacia, considera que “seu efeito é mais representativo que referencial, pois, ao não reconhecer concorrentes (e eles realmente pouco o são), o jornal atua como ante-sala do poder, publicizando os que nele escrevem e os elevando a representantes formais de opinião” (BERGER, 2003: 56). “A posição de hegemonia, se é um ganho econômico para uma empresa jornalística [...], representa uma perda na identidade do jornal e a cumplicidade com *um* tipo de leitor” (BERGER, 2003: 58).

<sup>4</sup> Não foram encontradas referências desse projeto, o que consta nas matérias jornalísticas é que o projeto visava incentivar a memória gaúcha esclarecendo e evidenciando fatos da história do Estado.

<sup>5</sup> Propagandas do próprio jornal que exaltavam a Revolução Farroupilha e sua comemoração. No decorrer do trabalho exemplificaremos melhor.

<sup>6</sup> Usaremos a referência anual, porém as matérias jornalísticas, as propagandas e os cadernos especiais só foram publicados até o final do mês de setembro de 1985.

caráter brasileiro da guerra e engrandeciam o fato. Excetuando setembro, foi o mês com mais recorrência de matérias sobre o tema pesquisado. Na capa do dia 01 de janeiro de 1985, usando o símbolo oficial da comemoração do Sesquicentenário da Revolução Farroupilha (o logo era pequeno, ficava acima e à esquerda das matérias publicadas, seu desenho era o ano – 150 – em curvas), o jornal ZH apresentou o seu cronograma na reportagem<sup>7</sup> denominada: “Um ano inteiro para lembrar a grande luta dos farrapos” (FÔES; RIGATTO, 1985: 25). No decorrer da reportagem foram listados alguns dos eventos oficiais e, também, as principais abordagens do jornal para a comemoração “marcando assim a passagem dos 150 anos da epopeia dos farrapos” (1985: 25). Para promover o evento o jornal narrou da seguinte maneira: “durante os próximos meses vai ser mesmo difícil esquecer a luta dos farrapos, tal o número de eventos artísticos e culturais programados pelo Calendário Oficial do Sesquicentenário da Revolução Farroupilha” (FÔES; RIGATTO, 1985: 25-26). É visível o uso de palavras/expressões que enaltecem o fato e a abordagem do jornal. Ainda nessa mesma reportagem, foi apresentado o projeto Pró-Memória Gaúcha do jornal ZH, que, durante o decorrer do ano comemorativo, homenageou os 14 municípios farroupilhas, colocando placas de bronze em cada uma delas.

O jornal apresentava, na chamada de reportagem dessa edição, um dos projetos que o periódico produziu para o evento: “Folhetim: começa a grande epopeia farroupilha”. Este folhetim foi produzido por Tabajara Ruas intitulado “1835·A Grande Epopeia”, publicado de 01 de janeiro até 20 de setembro de 1985, de segunda a sábado. Nele foi narrada a trajetória da guerra em uma versão romancizada<sup>8</sup>.

“Passado histórico”, “epopeia”, “ideal”, “brasilidade”, são uns dos exemplos dos adjetivos usados para a Revolução Farroupilha nas matérias analisadas. Verificamos que o jornal Zero Hora, em diversos momentos, relacionou os fatos, causas da Revolução com a realidade vivida no ano de 1985. Era uma maneira de aproximar os eventos, trazendo significado para o leitor. A identificação do gaúcho com a guerra foi uma forma de estabelecer uma ligação e avivar o sentimento da identidade gaúcha.

Essa estratégia foi utilizada pelo jornal desde o início do período analisado, como vemos no trecho da reportagem do dia 01 de janeiro: “Aliás, os motivos que levaram os

<sup>7</sup> O conceito de reportagem que utilizamos foi o de Melo (1985: 49): “a reportagem é o relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu no organismo social e produziu alterações que são percebidas pela instituição jornalística”.

<sup>8</sup>Foram mais de 200 edições publicadas.

gaúchos a lutar na Revolução Farroupilha foram os mesmos que hoje vivemos no nosso dia-a-dia: a excessiva centralização do poder, os pesados tributos nacionais e o pequeno retorno ao Estado” (FÖES; RIGATTO, 1985: 25-26). Outro exemplo que temos:

*A dependência política e econômica do Rio Grande é antiga. Ele só teve alguma liberdade no século XVIII, na época colonial, quando os reis de Portugal precisavam das garruchas e adagas dos estancieiros gaúchos para segurar as invasões dos castelhanos – futuros povos uruguaios e argentinos (RIO GRANDE, 1985: 10).*

Comparações como esta foram bastante recorrentes durante os nove meses analisados onde víamos alguns fatos se repetirem (com relação à época da Revolução Farroupilha), a exaltação de heróis (tanto do período da guerra como de pessoas contemporâneas ao ano de 1985) bem como a descendência direta com alguns deles. Seria de certa maneira a criação de um elo, como podemos perceber nitidamente no excerto a seguir: “O próprio governador Jair Soares é descendente de Bento Gonçalves, segundo recentes estudos genealógicos, o que ele muito se honrou em saber” (FÖES; RIGATTO, 1985: 25-26).

O jornal fazia questão de demonstrar que as atividades que foram realizadas por ele estavam de acordo com a programação oficial (aquela realizada pelo Estado). Algumas notícias<sup>9</sup> foram publicadas apenas citando o evento, porém o jornal evidenciava o seu empenho e o apoio do Estado em suas realizações. Como exemplo temos o concurso para a criação de um Hino ao Sesquicentenário da Revolução Farroupilha, na notícia que foi publicada em 02 de março de 1985. Neste excerto podemos perceber essa tendência do jornal: “Ele venceu (Marcos Virmond – autor da música) o concurso promovido pela **RBS** com o apoio da Ordem dos Músicos do Brasil, Governo do Estado e Petrobrás” (MORAES, 1985: 4). A sigla RBS estava em negrito, o que faz destacá-la dentre os demais órgãos que promoveram o concurso.

Também, o jornal procurou noticiar os eventos realizados no Estado que estivessem relacionados com a comemoração, geralmente em espaços pequenos. Como podemos ver neste trecho do dia 22 de março: “Um dos principais acontecimentos programados pelo

---

<sup>9</sup> Definimos notícia de acordo com o conceito de Melo (1985:49). Para o autor, notícia é o “relato integral de um fato que já eclodiu no organismo social”. Faz parte do jornalismo informativo, descrevendo o fato sucintamente.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

Calendário dos Festejos do Sesquicentenário da Revolução Farroupilha está tendo início no dia de hoje. É o rodeio dos rodeios” (FROES, 1985: capa).

Durante o ano de comemoração o jornal proporcionou a emersão de locais pouco lembrados, principalmente como roteiros turísticos no Estado. Ao relembrar as capitais farroupilhas ou locais onde viviam os “heróis” de guerra, havia a possibilidade de emersão dos mesmos perante os leitores do jornal. Algumas das matérias jornalísticas que foram publicadas no periódico trouxeram, além da ligação com o fato histórico, também os problemas atuais (do ano de 1985) dos lugares. O exemplo abaixo pode explicar melhor: “Mas, ainda que o povo de Piratini seja orgulhoso em pisar o mesmo chão dos antepassados revolucionários, poucos são os que têm dinheiro para cuidar do que dizem ser de muito valor...” (DUARTE, 1985: 28). Ainda na mesma notícia: “Como na época dos Farrapos, apenas estradas de chão batido levam os viajantes a Piratini”. Ou seja, Piratini pouco evoluíra desde a guerra.

Em outro momento, Piratini volta a ser tema de uma matéria, no caderno de Turismo: “Piratini tem o orgulho de ter sido a sede do primeiro Governo republicano perfeitamente constituído no Brasil” (ROTEIROS, 1985: contracapa). Rio Pardo também foi lembrada, tendo espaço em uma reportagem de duas páginas com o subtítulo: “Uma volta ao passado heroico dos gaúchos” (RATES, 1985: 28-29). Laguna, por ter sido a capital da Republica Juliana, teve relativo espaço nessas construções, como podemos ver no excerto a seguir: “Laguna teve grande projeção histórica com a guerra dos farrapos” (PAIM, 1985: 20). De certa maneira o jornal promoveu estes lugares incentivando o turismo “farroupilha”.

O jornal, durante o ano comemorativo, realizou dois projetos que visavam reavivar a memória sobre a Revolução Farroupilha. De acordo com cada um deles, foram publicados pequenos textos com imagens, que denominamos de propagandas, pois tinham como objetivos vender a construção criada pelo jornal. O primeiro deles foi o projeto Pró-Memória Farroupilha que tinha por objetivo relembrar as cidades que foram palco dos episódios farroupilhas e os principais fatos da guerra. Foi uma parceria com o Banco Bamerindus, na qual as cidades ganharam placas de bronze acompanhado de uma pequena comemoração. Todas as doações das placas de bronze foram noticiadas pelo jornal.

A primeira cidade que recebeu a placa foi Rio Pardo. A notícia “Rio Pardo recebe homenagem hoje” destaca o evento bem como relata sobre realizações do jornal em relação à

comemoração do sesquicentenário. Foi fundamentado o ato pelo seguinte argumento “a (colocação da) placa de bronze como marco de uma participação importante nas lutas de nosso Estado na defesa da causa farroupilha” (RIO PARDO, 1985: 3). O jornal procurava sempre justificava os motivos de a cidade participar do projeto por meio de um jogo de palavras que heroizava ainda mais a Revolução, como podemos verificar, no excerto acima, pelas palavras/expressões: “importante”, “lutas do nosso Estado” e “causa farroupilha”.

Este evento teve, além das propagandas, muitas notícias publicadas que contavam detalhes das cerimônias de colocação das placas de bronze. Em 07 de maio, temos uma matéria que poderá exemplificar, com o título “Pró-Memória destaca Guerra dos Farrapos” encontramos o seguinte trecho: “Em solenidade bastante concorrida...” (PRÓ-MEMÓRIA, 1985: 15). Fica evidenciado, ao colocar a expressão “bastante concorrida”, que o jornal buscou construir a imagem de que o evento fora um sucesso.

Os discursos oficiais publicados nas matérias jornalísticas analisadas sempre demonstravam o caráter idealista da Revolução Farroupilha. O que podemos perceber no discurso do governador Jair Soares na solenidade acima referida: “Mas, de uma coisa, os rio-grandenses podem ficar certos, como no passado, ninguém fugiu das trincheiras, nós estamos lutando por um Rio Grande melhor”, concluiu o governador Jair Soares”. Percebemos que não só o jornal usava a comparação do passado com a atualidade como também os discursos oficiais. Fica evidente que para o jornal, ao aproximar a realidade, dignifica a nossa existência enquanto gaúcho.

Em 13 de abril, a cidade de Rio Grande foi o tema abordado na propaganda que tinha como título “A estância heroica” (A ESTÂNCIA, 1985: 13). Todo o texto é carregado de palavras que reforçam a imagem almejada e construída pelo periódico, como exemplo mostraremos um pequeno trecho: “Por ali duras batalhas se sucederam, escrevendo a história com sangue e heroísmo”. Vemos que a forma como o jornal coloca, de certa maneira, esconde o fato de que a cidade não foi conquistada pelos farroupilhas.

Em geral as matérias jornalísticas traziam textos carregados de elogios à participação do grupo RBS. Em alguns momentos já tivemos a oportunidade de verificar, porém este excerto deixará mais claro:



*O delegado de Educação e Cultura de Bagé, Antonio Ferreira, representando o prefeito Neil Azambuja, que se encontrava em Porto Alegre, se referiu ao momento falando de sua satisfação “em poder testemunhar o que é capaz de conseguir uma comunidade integrada quando são somados os esforços do Executivo e Legislativo, unidos à empresa privada. A participação da RBS, que estaria concretizada somente com seus meios de comunicação, nos dá a visão de seu dirigente Maurício Sirotsky Sobrinho, que vai além da cobertura jornalística de seus veículos, para realizar uma participação mais concreta dentro da comunidade” (grifos nossos) (A PARTICIPAÇÃO, 1985:3).*

O segundo projeto que foi criado pelo periódico foi chamado de “Vamos Construir o Rio Grande dos Farroupilhas” que se iniciou em 29 de junho estendeu-se até setembro, proporcionando várias atividades nativistas. Em 22 de junho foi noticiado os preparativos para este projeto, também contando com a presença de membros do governo estadual.

*Adylson Motta, chefe da Casa Civil, esteve presente representando o governador Jair Soares e também como presidente da Comissão dos Festejos do Sesquicentenário da Revolução Farroupilha. Na oportunidade, ele afirmou que “é importante avivar o ideário dos farrapos e mostrar que o Rio Grande não precisa de favores de ninguém, pois a luta pela justiça é constante” (EM BAGÉ, 1985: 4).*

Este projeto mostrava as localidades onde ocorriam as comemorações tradicionalistas. Algumas das matérias que traziam detalhes sobre esse projeto mostravam o mapa da trajetória da Chama Crioula. Sempre acompanhada do logo oficial da comemoração do Sesquicentenário Farroupilha.

Em esparsos momentos o jornal abriu espaço para uma opinião divergente e ou com o respaldo de autores especialistas no assunto. Em 13 de abril foi publicado uma reportagem com o seguinte título “Os Farrapos: reformismo e separatismo na Revolução”. Nesta matéria, escrita por Macedo (1985), historiador, fica evidenciado o caráter separatista do evento – opinião ressonante em relação às demais matérias publicadas pelo periódico.

*Parece-nos correto admitir que dos 9 anos, 5 meses e 20 dias (3817 dias) da luta armada, 9,35% teve o caráter reformista e o restante, 90,65%, foi realmente revolucionário; pretendia outro sistema político, organizava um governo próprio e se declarava nação livre e independente. Ela foi, então, decididamente separatista (MACEDO, 1985: 3).*

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

Entre as matérias analisadas, apenas essa afirmou que a Revolução Farroupilha era separatista, como havíamos afirmado anteriormente, o jornal procurou exaltar o caráter brasileiro do evento. Como podemos perceber o jornal não propiciou um debate de especialistas, nem aprofundou o tema evocado. A outra representante especialista que participou foi a historiadora Pesavento.

*A professora Sandra (Pesavento) não conhece as saídas. Como na época farroupilha, em 1835, há um sentimento geral de que o Rio Grande está sendo explorado. Mas a professora Sandra diz que a história não se repete. A crise atual é mais profunda e complicada porque a própria economia do País e do Estado mudou de sentido. É difícil fazer comparações. Os problemas de hoje são mais complicados e maiores. E os líderes gaúchos do momento – políticos e empresários, principalmente – não têm forças para alterar a situação (RIO GRANDE, 1985: 10).*

Em uma pequena notícia, quase uma nota, houve uma crítica à comemoração oficial que não colocou a cidade de Camaquã no roteiro. A justificativa para a crítica foi de que “já que lá ficava a fazenda do herói da Guerra dos Farrapos, que escolheu terras camaquenses para passar boa parte de sua vida” (Sesquicentenário, 1985: 46) deveria estar inserida nas festividades. Outra notícia pequena, que, apesar de seu tamanho, se destaca por abordar um assunto pouco retratado, e, após a mesma, apenas em mais duas edições do jornal, no mês de agosto, teve publicação, as mulheres na guerra. Porém, não foi o jornal quem propiciou esse debate, apenas noticiou mais um concurso:

*Associando-se às comemorações dos 150 anos da Guerra dos ‘Farrapos’, a Casa Masson promoveu na manhã de quinta-feira, juntamente com a Comissão Executiva do Sesquicentenário da Revolução Farroupilha, o lançamento oficial do concurso literário que terá por tema “O papel da mulher na Revolução Farroupilha” (REVOLUÇÃO, 1985: 13).*

Então, verificamos que apenas quatro matérias trouxeram assuntos que visavam, de certa maneira, expandir os temas sobre a Revolução Farroupilha.

Por ser o mês em que é comemorada a semana do gaúcho, foi também o mês escolhido para o término das festividades no jornal ZH. Foram ao todo 65 matérias selecionadas, entre

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

matérias de capa e editoriais. No dia 20 de setembro foi publicado um caderno especial com 24 páginas contando um pouco da história, de heróis e muitas imagens foram publicadas.

Fica perceptível a simbologia que o jornal construiu em torno do gaúcho. Logo na sessão Editorial, página 2, é novamente construída a Revolução Farroupilha como uma guerra que buscou melhorias nacionais.

*Entretanto, quando bem examinados os fatos (da Revolução ser separatista), a acusação não prospera, porque a própria história da grande insurreição serve para mostrar que o sentimento de brasilidade sempre foi mais forte que as tendências regionalistas e centrífugas, tendo sido o separatismo, antes de tudo, acidente de percurso de uma revolução republicana quanto as insurreições de Pernambuco, da Bahia, do Maranhão ou do Pará (A AFIRMAÇÃO, 1985: 2).*

Ao colocar a criação da República na guerra dos farrapos como um “acidente de percurso” percebemos a construção negativa do jornal e a sustentação da brasilidade dos rebeldes, uma vez que, Padoin (2001) afirma que não foi um acidente a separação e sim um objetivo de um grupo majoritário da revolta.

A ilustração da capa do Caderno Especial foi bastante enfática. Era de um busto de um militar, com fardamento oficial, em preto e branco. Na cabeça deste militar, “cortada ao meio”, aparecia um desenho de vários cavaleiros carregando bandeiras (coloridas no jornal) com as cores da Revolução Farroupilha. Podemos perceber uma analogia com o ser gaúcho atual (de 1985), que apesar de suas obrigações, tem em sua cabeça o ideal farroupilha. Ainda na capa, abaixo do título “Farrapos” vemos os anos “1835-1985”, ou seja, o transcorrer de 150 anos desde o evento.

Nas matérias jornalísticas publicadas nesse Caderno Especial ficou bem evidente a grandiosidade do Estado, então Província durante a Revolução. “Entre todos os Estados do Brasil, o Rio Grande do Sul foi o que dotou seus filhos com uma herança mais forte, uma consciência regional mais sólida e uma bagagem de tradições mais alentada” (Farrapos 1935-1985, 20/09/1985: 2). Ao usar a expressão “entre todos os Estados” percebemos o destaque que o jornal coloca para o Rio Grande do Sul, e, concomitantemente, ele torna-se melhor que os demais, ao conseguir – por meio de uma herança (que podemos relacionar essa herança com uma certa riqueza) – proporcionar para o cidadão rio-grandense uma memória grandiosa, cheia de heróis, valores, tradições.

## CONCLUSÃO

Ao longo da análise percebemos que o jornal Zero Hora procurou tornar-se, em relação às comemorações do Sesquicentenário da Revolução Farroupilha, o intermediário entre a voz oficial e a população em geral. Houve um grande espaço no periódico para as matérias que retrataram o assunto, mesmo que, em alguns casos, fossem notícias pequenas. Porém, em momento algum o jornal propôs uma reflexão profunda sobre a Guerra Farroupilha, havendo a participação de poucos especialistas na formulação das matérias, ficando a cargo de jornalistas a cobertura e contextualização do fato histórico.

Pudemos constatar que o periódico buscou aproximar a Revolução Farroupilha com a realidade vivida em 1985. Essa ligação entre o passado (revivido pela comemoração) e o presente (1985) tornou possível uma conexão. Por mais que o evento tenha ocorrido a mais de um século, ele ainda encontrava-se (e encontra-se) na memória gaúcha, de tal maneira que, ao ser rememorado anualmente, possui grande significado para a sociedade, fazendo então possível permanecer em nossas memórias (ROUSSO, 1996).

Verificamos um alto investimento do periódico, e de toda a empresa RBS, em promover a comemoração do Sesquicentenário. Ao fomentar o projeto Pró-Memória Farroupilha (com colocações de placas de bronze) o jornal demonstrou a importância que deu para a construção (e consolidação) da memória gaúcha. E, principalmente, percebemos como o jornal tendeu a elaborar suas matérias jornalísticas, sempre enaltecendo e promovendo a tradição, contribuindo para manter os heróis e as construções cristalizadas com o tempo (como alguns mitos gaúchos, valores próprios do gaúcho – como garra, bravura – entre outros). Que, conforme Arruda (1999), ao reacender a comemoração, seja ela qual for, a instituição que o promove, consegue se beneficiar, seja, no caso do jornal, tornando-se a voz oficial do Estado (BERGER, 2003).

Sendo assim, o jornal manteve o panteão de heróis da Revolução, reavivou mitos, uniu o passado e o presente, fez ligações, conexões. Todo esse aparato pode direcionar o leitor para que, não só mantivesse as antigas impressões sobre o fato, fortalecesse esse ideal farroupilha,

mas trabalhasse-o como um lema e um sentimento inerente e intrínseco do cidadão gaúcho que realmente pertence a essa terra.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A AFIRMAÇÃO histórica de um povo. **Zero Hora**. Editorial, Porto Alegre, p. 2, 20 set. 1985.

A ESTÂNCIA heroica. **Zero Hora**. Política, Porto Alegre, p. 13, 13 abr. 1985.

A PARTICIPAÇÃO de Bagé na Revolução dos Farrapos. **Zero Hora**. Segundo Caderno, Porto Alegre, p. 3, 25 jun. 1985.

ABREU, Alzira Alves De (et Al.). **DICIONÁRIO histórico-biográfico brasileiro: pós-1930**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

ARRUDA, José Jobson de Andrade. **O trágico 5º Centenário do Descobrimento do Brasil: Comemorar, celebrar, refletir**. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo Interpretativo: Filosofia e técnica**. Porto Alegre: Sulina, 1976.

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo Opinativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.

BERGER, Christa. **Campos em confronto: a terra e o texto**. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

CAPELATO, Maria H. R. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto, EDUSP, 1988.

FARRAPOS 1835-1985. **Zero Hora**. Caderno Especial, Porto Alegre, 20 set. 1985. 20 p.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, S.A., 1990.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

DUARTE, Rosina. Piratini, a antiga capital, tenta proteger seu passado. **Zero Hora**. Geral, Porto Alegre, p. 28, 01 jan. 1985.

EM BAGÉ o primeiro grito da independência. **Zero Hora**. Guia, Porto Alegre, p. 4, 22 jun. 1985.

FLORES, Moacyr. **Modelo político dos farrapos**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1978.

FLORES, Moacyr. **Revolução Farroupilha**. 2. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1985.

FRÖES, Maria Lúcia. Tradicionalismo faz a festa. **Zero Hora**. Segundo Caderno, Porto Alegre, capa, 22 mar. 1985.

FRÖES, Maria Lúcia; RIGATTO, Virgínia. Um ano inteiro para lembrar a grande luta dos Farrapos. **Zero Hora**. Geral, Porto Alegre, p. 25-26, 01 jan. 1985.

MACEDO, F. Riopardense. Reformismo e separatismo na Revolução. **Zero Hora**. Cultura, Porto Alegre, p. 03, 13 abr. 1985.

MAESTRI, Mário. **Breve história do Rio Grande do Sul**: da pré-história aos dias atuais. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2010.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.

MORAES, Beth. Autores são dois médicos. **Zero Hora**. Guia, Porto Alegre, p. 4, 02 mar. 1985.

OZOUF, Mona. A festa: sob a Revolução Francesa. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierra. **História**: Novos Objetos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. p. 216-232.

PADOIN, Maria Medianeira. **Federalismo gaúcho**: fronteira platina, direito e revolução. São Paulo: Nacional, 2001.

PAIM, Lorena. Laguna. **Zero Hora**. Geral, Porto Alegre, p. 20, 19 fev. 1985.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

PRÓ-MEMÓRIA destaca Guerra dos Farrapos. **Zero Hora**. Estado, Porto Alegre, p. 15, 07 maio 1985.

RATES, Zeni. Rio Pardo, a cidade que recebeu D. Pedro. **Zero Hora**. Geral, Porto Alegre, p. 28-29, 16 abr. 1985.

REVOLUÇÃO Farroupilha. **Zero Hora**. Guia, Porto Alegre, p. 13, 22 jun. 1985.

RIO GRANDE pede ajuda. Mas já foi Estado rico. **Zero Hora**. ZH (infantil) Economia, Porto Alegre, p. 10, 04 maio 1985.

RIO PARDO recebe homenagem hoje. **Zero Hora**. Guia, Porto Alegre, p. 3, 30 mar. 1985.

ROTEIROS do Sesqui. **Zero Hora**. Turismo, Porto Alegre, contracapa, 17 mar. 1985.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de MORAES (Org.). **Usos & abusos da história oral**. RJ: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

VIZENTINI, Paulo Fagundes. **Relações internacionais do Brasil: De Vargas a Lula**. 2. ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.